

Dimensão da tragédia surpreendeu

Quando o comerciante Arnaldo Luiz Gomes, de 39 anos, paciente de hemodiálise no Instituto de Doenças Renais de Caruaru (IDR), morreu no meio da tarde do dia 20 de fevereiro, os médicos sequer imaginavam que começaria ali uma das maiores tragédias da saúde brasileira.

Arnaldo Gomes foi o primeiro de uma lista de mortos que bateu ontem no número 47. Todos pacientes com problemas renais e que se submeteram a uma máquina de hemodiálise assassina no interior de Pernambuco.

O tratamento de hemodiálise é feito para retirar toxinas do sangue, geralmente de pessoas que têm problemas nos rins e não conseguem urinar, mas a máquina de hemodiálise de Caruaru fazia exatamente o contrário: injetava toxinas no sangue do paciente. As primeiras conclusões das investigações dão conta de que a água utilizada na máquina estava contaminada com Microcistina LR, toxina produzida por algas azuis.

ÔNIBUS

O coveiro José Belarmino dos Santos, há 19 anos trabalhando

no cemitério Dom Bosco, o maior de Caruaru, disse que nunca viu tanta gente morrendo de uma só causa. Não é para menos. Com a morte do 47º paciente, ontem, o número de vítimas da hemodiálise de Caruaru seria idêntico ao de um ônibus interestadual lotado que caísse em um desfiladeiro.

A maioria dos mortos é formada por gente muito pobre: empregadas domésticas, mecânicos, faxineiros, vigilantes, costureiros, donas de casa e desempregados, mas quase dois meses após o início das mortes, as autoridades municipal, estadual e federal ainda diziam que o assunto não era de sua responsabilidade.

Depois de 37 mortes e 51 dias do início da tragédia, o ministro da Saúde, Adib Jatene, resolveu dar as caras em Caruaru. E foi visitar os 69 pacientes do Instituto de Doenças Renais que ainda estavam vivos e internados no Hospital Barão de Lucena, no Recife. Dos que viram Jatene, nove já morreram.

E só há três semanas o ministro da Saúde admitiu que o Estado era responsável pela catás-

trofe em Pernambuco. Mas antes, é claro, esteve na Câmara e explicou que o Ministério da Saúde já havia começado a fiscalizar as clínicas de hemodiálise espalhadas pelo Brasil quando estourou a tragédia de Caruaru.

MANUTENÇÃO

Um grupo de auditores médicos, que no início deste ano realizou um levantamento sobre as condições de trabalho da Central Estadual de Nefrologia, do Recife, deu um pulo em Caruaru e constatou o que todo mundo imaginava: as máquinas de hemodiálise não tinham manutenção adequada, os técnicos não possuíam a formação necessária para a função e a água não recebia tratamento adequado. Os auditores encontraram, em Goiás e na Bahia, clínicas de hemodiálise em situação semelhante.

E preocupante. No Brasil existem mais de 23 mil doentes renais fazendo hemodiálise em 500 unidades hospitalares e a taxa de mortalidade, por enquanto, é algo em torno de 20%.